



○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 50\$00

EDITORIAL

Estão a aproximar-se as eleições e «O Novo Fanguero» não pode deixar passar o evento sem o fixar nas suas linhas principais. Este jornal tem uma feição regionalista e porque as próximas eleições possuem um cunho local, verifica-se até uma certa convergência: as eleições visam escolher as melhores pessoas para zelarem pelos interesses da terra e este jornal, porque tem como objectivo primeiro a defesa dos interesses da região, procura ou deve procurar que a escolha dos homens que vão defender a grei local seja a mais criteriosa possível. Deverá, por isso citar e defender determinados nomes?

ELEIÇÕES À PORTA: QUE PAPEL CABE AOS JORNAIS?

«O Novo Fanguero» é uma publicação de cunho regional e não especificamente doutrinário. Nenhuma religião ou partido o informam. Assim se declarou logo no início e foi com base neste pressuposto que apareceram os colaboradores, se inscreveram os assinantes e se conseguiram os anúncios, agentes estes que perfazem o jornal que hoje temos. É dedutível, pois, que apesar de exercermos a dupla função de director-proprietário, não devemos imitar a sobrançeria de um Luís XIV e dizer «*Le journal c'est moi*». Há uma corresponsabilidade, uma comparticipação e um direito à diferença que solidariza os seus vários interventores. Um jornal que se publica transcende de imediato o espaço da sua direcção.

Vejamos agora a pergunta que atrás ficou em suspenso: deve um jornal como o nosso indicar quais lhes parecem ser as pessoas apropriadas para determinados lugares da autarquia ou sobrestar-se quanto a uma indicação concreta?

Parece que chegamos a uma situação de paradoxo. Se desejamos o progresso da localidade e estamos convencidos de que A é a pessoa certa para o lugar, por que não o mencionamos no jornal? Somos ou não somos amigos da terra? Queremos ou não queremos o seu progresso?

Todo o autarca se integra numa corrente de pensamento que tem subjacente uma filosofia de acção e uma filosofia de existência assumindo na prática a forma de partido. Sim, verdadeiramente o que é um partido? É um conjunto de indivíduos que têm do mundo uma visão especial (cosmovisão) que por sua vez lhes fornece uma determinada escala de valores com a qual pretendem resolver os problemas desse universo social. Os problemas desse universo tanto podem

(Continua na pag. 2)

O PERFIL DE HOJE

Por ARMANDO SARAIVA

FRANCISCO DIAS DOS SANTOS BORDA

Já há muito germinava em nós a ideia de aqui consagrarmos um perfil à memória de um construtor naval dos muitos que existiram em Fão, aqui nasceram e se amestraram na arte da construção naval e tão alto elevaram a fama dos nossos estaleiros que estes chegaram a ser considerados «os primeiros de Portugal». Os juízos de valor feitos aos estaleiros de Fão implicam por arrastamento os de Esposende pois ambos viveram demasiado imbrincados. Bastará dizer que alguns mestres fangueros trabalharam indistintamente quer em Fão quer em Esposende. O último abencerragem de construção náutica, o bem lembrado mestre Francisco, Francisco Ferreira ou «Forciana» (corruptela de Feliciana) era fanguero de gema, pois nasceu na nossa rua das Pedreiras, oficialmente conhecida por rua Serpa Pinto. Iniciou-se na arte em Fão e em 1915 transmudou-se para Esposende onde veio a casar e a morrer. Foi o construtor das duas últimas caravelas deitadas à água em 1947 e 1948.

Bernardino Amândio, autor recente de um livro sobre construção naval no concelho, achou também desaconselhável isolar os dois estaleiros na génese da sua história e assim deu à sua obra um título intencional: «Os estaleiros navais de Fão e de Esposende nos séculos XIX e XX».

Como desejávamos também pincelar, ainda que de uma maneira sucinta, a saga do nosso Hospital, esperamos pelo encontro de uma figura que envolvesse precisamente essas duas vertentes de vida fanguera: construção naval e Misericórdia.

Esse encontro deu-se com Francisco Dias dos Santos Borda que foi simultaneamente o nosso «primeiro construtor naval» e o «quinto fundador do nosso Hospital». Mais adiante tentaremos escarpelizar o sentido destas expressões.

Numa série de artigos publicados em «O Cávado» de 1964, de autoria de Querubim Evangelista, pode ler-se que Francisco Dias dos Santos Borda teria chegado a Fão, procedente de Curvos, aí à volta de 1784. Esta data não deve contudo ser aceite. É que o mesmo Querubim Evangelista afirma que o Francisco Borda foi ainda fundador do Hospital e que até há uma fotografia sua na galeria dos retratos. Efectivamente essa foto existe e tem a data de 1850. É aliás aquela que vem na 1.ª página des-



te jornal. Por sua vez a fundação do Hospital ocorreu em meados do século passado (o Hospital antigo, lembre-se), o que vem inviabilizar a data proposta por Q. E. Não percebemos esta inexactidão. Ainda pensámos que se tratava de um lapso de tipografia mas o certo é que nos textos subse-

(Continua na pag. 2)

A Carta Régia ou Decreto-Real

SOBRE A ÁGUA

Sua Majestade depois de se retirar da janela, onde estivera a absorver o ar puro e fresco da manhã, olhando os jardins floridos do seu Palácio, ouvindo o chilrear da passarada e mirando os repuxos dos centros dos largos de onde jorrava uma água pura e cristalina, voltando-se para os do seu Conselho, diz: como os vinha informando vou enviar Carta Régia a todos os Governadores das províncias do meu Reino, que enviarão cópias para os seus representantes nos burgos de maior importância e a farão cumprir, para que as águas a abas-

(Continua na pag. 2)

Se não se importam,
vamos aumentar o
preço do jornal

Ler crónica na pag. 4

A Carta Régia ou Decreto Real

(Continuado da pág. 1)

tecerem os seus moradores sejam enviadas através de condutas próprias, devidamente tapadas, para as moradas de cada um, acabando-se assim o abastecimento de fontes públicas e poços privados, normalmente sem qualquer espécie de protecção. Mais farei constar da Carta Régia, a obrigatoriedade de todos os donos das moradias existentes no burgo, serem obrigados a fazerem interiormente os trabalhos necessários para receberem a água que lhes será fornecida através da conduta geral, bem como o pagamento da mesma água, em quotas a estabelecer, pagamento que é indispensável para ocorrer às despesas públicas com a medida que agora se vai decretar.

Assim falou e determinou Sua Majestade!

Um dos personagens do seu Conselho, o mais novo de todos, pedindo permissão para falar diz: Perdoe-me Vossa Majestade a minha interferência sobre o assunto da água, com o qual concordo inteiramente, mas parece-me que se pretende com a medida a decretar dar ao povo uma água mais pura — isenta assim de impurezas que muitas vezes existem nos fontenários por a água correr para os mesmos a «céu aberto» e sem quaisquer cuidados especiais nas saídas das suas nascentes, então Vossa Majestade deveria fazer constar do decreto-Real a imposição de que a água a fornecer por intermédio das condutas fosse devidamente tratada de modo a que chegasse à casa de cada um nas condições devidas acautelando assim a saúde dos seus consumidores (e pagadores dizem nós).

Sua Majestade carregando o sobrolho e olhando o novato exclama: parece-lhe que tal seja indispensável fazer constar de um decreto-Real? Já não temos a segurança das condutas por onde a água correrá da origem aos seus destinos, sem ser a «céu aberto»? É uma menção desnecessária, pois é intuitivo que a água a fornecer terá de ser de boa qualidade. Se assim não fosse, não haveria razão para o que vamos decretar.

O decreto saiu, e lá se foi cumprindo pelos diversos burgos, enquanto Sua Majestade passava desta para melhor.

Anos passados, porque os burgos se foram desenvolvendo, constatou-se que as nascentes originais não forneciam já o precioso líquido nas quantidades suficientes pelo que, houve de se procurar novas fontes de abastecimento, acabando por se ir fazer a captação daquele líquido nos rios.

O burgo Águalonguense também teve o seu desenvolvimento, e como em muitos outros, tal desenvolvimento provocou a insuficiência de fornecimento de água aos moradores, acabando por proceder à captação da mesma, no rio que a banha.

Mas foi feita sem que a água capatada sofresse qualquer espécie de tratamento, como se impunha, pelo que a mesma passou a ir directamente do rio para o consumidor.

Se inicialmente a sua qualidade ainda era sofrível, posteriormente as descargas em grande quantidade de produtos tóxicos e de esgotos para o rio poluíram-no de tal maneira, que a água fornecida aos consumidores passou a constituir um perigo para a saúde pública.

A poluição foi agravada com as chamadas mares vivas, pelo que a água que os Águalongenses recebiam, nas suas casas além de poluída, ainda era salgada.

Nem para tomar banho servia, porque o sabão não aderiria perfeitamente à pele.

O povo, face ao sucedido, barafustou... reclamou... mas... nada!...

Os responsáveis fizeram uma leitura do decreto-Real e concluíram: o decreto-Real manda fornecer água, não especificando a sua qualidade; manda que as condutas sejam devidamente tapadas. Tudo conforme o mesmo decreto: a água e fornecida e as condutas estão de acordo com o mesmo decreto, pelo que não temos que tomar quaisquer medidas. A...ca...bou-se!...

O personagem em questão, já de avançada idade, cofiando as suas longas barbas brancas, olhando o panorama, entristecido, vai pensando: Ah... Meu Senhor?! não me destes ouvidos. Bem avisado andava eu com a prevenção que te fiz! Mas tu! Alma simples entendias não ser necessário fazer constar do decreto-Real que a água a fornecer, teria de ser potável. Pura e boa!

Bem... quanto a boa? se alterarmos a palavra «boa» para «bom», então sim, mas quanto a preço. Bom, mas mesmo bom, para quem fornece a água!...

ARMINDO DUARTE

NOTA — Qualquer semelhança com factos da vida real, não passa de pura coincidência.

OBRAS

Já se iniciaram as obras no terreno em frente às escolas Amorim Campos e junto às Rodas.

Consta que serão ali edificadas habitações a cinstar uma piscina. Será um ótimo melhoramento para a nossa terra.

EDITORIAL

(Cont. da pág. 1)

ser gerais (poluição) como nacionais (governar um país) ou locais (dirigir uma cidade, vila ou aldeia).

Como se processa a entrada num partido? Por afinidade, que tanto pode ser afectiva como intelectual.

Salvo as excepções que são abundantes, quem adere a um partido fá-lo de boa fé, julgando estar no caminho certo e que defende a melhor causa.

Os partidos são pois realidades sociais e equidistantes de um jornal local que não os poderá hierarquizar, apelidando onticamente uns, de bons, e outros, de maus.

Isto não significa que um jornal regionalista deixe de falar de política, de eleições e de ouvir candidatos, se tanto lhe aprouver. Mas de um modo totalmente des-subjectivado? Não tenhamos ilusões. Uma des-subjectivação total é impossível. Mesmo esforçando-nos por ser objectivos é sempre a *nossa* visão pessoal, a *nossa* percepção que transmitimos. Há uma inevitável personalização inconsciente a que não podemos fugir. Mas que seja só isso.

AUMENTE O SEU COLESTEROL

Então como vai esse colesterol? Tem dado a subidinha que é precisa? Pois aqui vai mais uma ajuda:

CARNE COZIDA COM CEBOLA

Descascam-se e cortam-se em rodelas muito fininhas 6 cebolas de tamanho médio. Põem-se ao lume numa caçarola com duas colheres de sopa de margarina, sal e pimenta, deixando refogar brandamente até que as rodelas de cebola fiquem desfeitas. Deita-se, então, uma colher de sopa de farinha de trigo, deitando aos poucos e mexendo bem, para não fazer grumos. Deixa-se cozer e acrescenta-se o molho com 2 decilitros de caldo, deixando ferver durante meia hora, com a caçarola tapada. Neste molho deitam-se, então, as fatias da carne já cozida anteriormente, deixando-as lá um pouco, para tomarem gosto, e seguidamente deitam-se as fatias num pirex, cobrindo-as com o molho e serve-se enquanto está quente.

Para a merenda, uns

BOLOS DE ARROZ

Ovos - 3; açúcar - 50 gramas; manteiga - 50 gramas; farinha de arroz - 50 gramas; fermento em pó - 1 colher de café.

Bate-se muito bem a manteiga com o açúcar, juntando-lhe a seguir as gemas dos ovos, mexendo muito bem; a seguir, juntam-se as claras batidas em castelo e por fim a farinha de arroz e o fermento.

Mistura-se tudo muito bem e vai ao forno a cozer em forminhas que se untam com manteiga e que só se devem encher até meio, pois a massa cresce.

E pronto. Por hoje, a nossa missão está cumprida. Resta desejar bom apetite e enviar um abraço da

TIA MARIQUINHAS.



Calatrava
albergaria ★★★★★ [R]

NOVA GERÊNCIA

Gasthaus ★★★★★

Bed and Breakfast ★★★★★

Rua M. Flúza Júnior, 157 - Telef. 22011 - 27434 - Telex 33331 Latrav - 4900 VIANA DO CASTELO

DE APÚLIA

DOENTE — No Hospital de Fão, encontra-se internado há dias, bastante doente, o Senhor Avelino Fernandes Filipe, apuliense bem conhecido, pelas suas múltiplas actividades à frente da Junta de Freguesia, do Grupo Folclórico e da Direcção da Casa do Povo local, um total de mais de 20 anos de relevantes serviços em prol da comunidade.

Desejamos-lhe rápido restabelecimento.

ÓBITOS — No lugar de Criaz, faleceu a senhora Ana Gomes de Oliveira, viúva de Joaquim Martins da Cruz, nascida em 24 de Fevereiro de 1905, filha de Manuel António Oliveira Júnior, e de Rita Gomes Vendeiro.

• Ainda no lugar de Criaz, faleceu a senhora Palmira Gonçalves da Cruz, nascida em 25 de Fevereiro de 1903, filha de Joaquim Alves Martins e de Maria Gonçalves da Cruz, viúva de Celestino Fernandes Carvalho.

• Também no lugar de Criaz, faleceu a senhora Maria Martins Ferreira, viúva de António Martins, nascida em 24 de Abril de 1916, filha de Luís Lopes Ferreira e de Teresa Martins.

• No lugar da Areia, faleceu a senhora Laurentina Quintas de Sousa, casada com o senhor António de Jesus da Silva, nascida em 11 de Janeiro de 1919, filha de Paulino José de Sousa e de Carolina Rosa Quintas, natural da freguesia de Perelhal, Barcelos.

Para todos os familiares os nossos pêsames.

FUTEBOL — Após a terceira jornada, e com dois jogos no terreno do adversário, o Grupo Desportivo de Apúlia, segue entre os primeiros da sua série com seis pontos. Venceu fora o Ninense por 2x1, o Cabreiros, por 4x2, e em casa, o Negreiros por 3x0. Para além dos resultados, excelentes, o nosso representante está a praticar um futebol bonito e prático, o que nunca acontecera nos jogos da Taça.

PARTIDAS E CHEGADAS — Já partiram para o Brasil, onde têm interesses comerciais, os apulienses: Manuel Gomes Moreira e Amândio Dias Torres, acompanhados das esposas.

Para passar a habitual temporada da caça, já se encontra entre nós, vindo do Brasil, o nosso conterrâneo João Gomes Moreira, acompanhado da esposa e filho.

Boa viagem para os primeiros, boa estadia para estes.

ELEIÇÕES AUTÁRQUICAS — A procissão ainda não saiu do adro, mas Apúlia, uma das mais importantes (em peso eleitoral) localidades do concelho de Esposende vive já a sua campanha pré-eleitoral. Duas das mais conhecidas forças políticas concorrentes à Câmara concelhia, já se desdobram em esforços na mira de um bom resultado para os seus símbolos políticos. Refira-se que essas forças são (PSD), ou já foram (CDS). E Apúlia pesa muito em termos eleitorais no concelho. O clubismo político, mas também o nome e o carisma dos principais candidatos, à Junta de Freguesia de Apúlia e à Câmara de Esposende, contam mais do que os programas dos próprios partidos políticos concorrentes.

Cartazes, bem elaborados e (felizes) na apresentação e nas mesmas, dos dois representantes dessas forças políticas à Câmara Municipal, já ajudam ao colorido da paisagem dos locais mais públicos das freguesias do concelho.

Dentro de poucos dias não vão faltar os comícios, as promessas fáceis, a música, as bandeiras, o folclore. Tem sido sempre assim, ainda vai ser assim.

Entretanto são os seguintes os cabeças-de-lista à Junta de Freguesia de Apúlia: Manuel Laurentino Losa Faria, pelo Centro Democrático Social (CDS), José dos Santos Fonseca, pelo Partido Social Democrático (PSD) e Manuel Boucinha Fernandes, pelo Partido Socialista (PS).

Uma Residencial em Fão

Vai construir-se uma residencial na nossa terra, na zona imediatamente a seguir às Escolas Amorim Campos, lado norte.

Já foram conseguidas todas as autorizações dos vários organismos oficiais ligadas à construção de imóveis de hotelaria.

As obras iniciam-se dentro de poucos meses.

Os proprietários Cândida Saratva e Alexandre Sá, adquiriram igualmente, por trespasso o restaurante típico «A Lareira».

Aos arrojados empresários um aceno de simpatia e encorajamento.

BOM JESUS

Os brinquedos que existem na Alameda do Bom Jesus vai mudar para os terrenos anexos ultimamente adquiridos pela freguesia. Em contrapartida o local da Alameda será devidamente ajardinado como aliás compete à sala de visitas da nossa terra. Entretanto a Confraria mandou construir lavabos na parte nascente da Basílica do Bom Jesus.

Feliz iniciativa.

DE PARIS

Chegou-nos uma carta de Paris do casal médico Hercília-Jorge Areias. O trabalho é duro lá para aquelas bandas. A «Alvorada» toca às 5,30 da manhã para chegarem a tempo aos hospitais onde prestam serviço.

A vida é uma corrida constante e os dias sucedem-se velozmente, dizem-nos.

Entretanto um ano passa depressa mas... estende-se por 365 dias. Au revoir.

DOENTES

Numa casa de saúde do Porto foi submetido a uma operação cirúrgica o nosso prezado amigo Prof. Mário Ramiro Dias Ferreira. Felizmente que tudo correu pelo melhor.

É a segunda operação num espaço curto de tempo. Meu caro: depois dos cinquenta, uma pessoa deixa as mãos ao bolso não para procurar dinheiro mas para agarrar pastilhas. É a vida.

Formulamos para este bom amigo e prestante colaborador do nosso jornal (secção de fotografia) uma rápida convalescença.

OUTRA VEZ A SINALIZAÇÃO

No domingo passado um carro apareceu na nossa rua, rua de Cima ia virado para a R. da Cruz. Fizemos-lhe sinal que era impossível. Perguntaram de dentro do carro: «Então?» «Tente entrar nessa aí — Trav. Azevedo Coutinho», dissemos.

Lá conseguiram mas a rogar pragas contra quem pôs aquele sinal de interdição de trânsito, junto ao Banco, na R. da Igreja.

Todos os dias e mais que uma vez ao dia isto acontece e por culpa daquele sinal. Apesar de já termos chamado a atenção da Junta, mantém-se tudo na mesma.

Também não foram feitos, queremos dizer, postos quaisquer sinais no Pacheco, para chamar a atenção de que é ali que se vira para Barcelos.

São coisas que não custam dinheiro e evitavam aborrecimentos. A nossa Junta por se tratar de uma indicação do nosso jornal, mantém a atitude tradicional: não liga.

E voltamos a insistir no tal jantar de homenagem ao Ant. Duarte, Arquitecto Pádua e dr. Carvalho Matos. Seria uma reunião de convívio fangueiro onde se cantaria o «Fão linda terra minha» e tantas lindas canções do nosso património cultural. Seria um prelúdio de harmonização em vésperas de uma batalha eleitoral. Será que a nossa Junta compreende isso?

O DESPORTO EM FÃO

Ao começar esta crónica queria fazer uma alusão ao Águias de Serpa Pinto. Trata-se de um grupo de futebol das Pedreiras que treina no Paúl e já tem arrecadado algumas vitórias em vários torneios populares. Pode ser uma escola de formação de jogadores para alimentar o C. F. de Fão. Merece a nossa simpatia ou uma ajuda para «legalizar» o seu «estádio».

★

Quanto ao C. F. de Fão já disputou a Taça. Vejamos os resultados: Gandra, 2 - Fão, 0; Fão, 0 - Apúlia, 0; Fão, 2 - Gandra, 1; Apúlia, 1 - Fão, 0.

★

Entretanto o campeonato da 2.ª Divisão da A. F. de Braga já começou. Resultados: Fão, 2 - Padrão, 0; Vilarinho, 0 - Fão, 2; Fão, 2 - Tibães, 1.

Como se pode verificar Fão entrou com o pé direito. Tudo vitórias. Fão vai em primeiro lugar, ex-aequo com Apúlia.

O grupo apresenta-se bem entrosado e a dar muitas esperanças de que vamos subir de divisão. Tememos os dias de chuva com campos lamacentos. A nossa equipa é leve. Vamos a ver.

JOÃO PEDRAS

CANTEIROS DO OFIR

Os canteiros exteriores do Hotel Ofir encontram-se um tanto ao abandono. Há ali necessidade de mondos e outros arranjos.

Várias pessoas tem-se dirigido até nós pedindo um alerta. Ele aqui fica expresso.

NA CASA DE JOSÉ SANTOS

Por DIAS COSTA

TRADIÇÃO E INOVAÇÃO VÃO «MORAR» JUNTAS

O terreno do estacionamento dos carros na sede da Associação dos Portugueses de Pontoise-Cergy fazia lembrar uma noite de festa numa boite de Lisboa ou do Porto. É que por lá se viam «máquinas» espectaculares. No entanto, uma diferença — e bem importante — quanto ao «recebo» humano da Associação. Lá dentro, nas mesas do bar e na sala de convívio, não estavam os colunáveis das noites portuguesas. Mas sim gentes revelando bem, nos traços da face, sinais das dificuldades da vida e da luta quotidiana, mãos rudes e braços fortes, ao serviço de trabalhos bem árduos. Uma rotina de quase todos os emigrantes portugueses.

Eu conhecia a maior parte dos presentes. Sentei-me numa das mesas. Pedi uma cerveja. Enquanto esperava, ouvi curiosa conversa. que muito tem a ver com os anseios tradicionais de portugueses que tiveram de deixar o país na busca de melhores condições de vida.

Conversa entre o José Santos e o Manuel Sousa. Coincidência, ou não, ambos fangueiros, ou seja naturais de Fão. Em causa a casa. A casa que vale por sinal concreto de afirmação e de sucesso numa vida de constante labuta. E que muito tem a ver com a natureza humana. José Santos dizia:

«Estive lá, há pouco tempo, na nossa terra. Por acaso, um dia, encontrei no café o arquitecto Simões. Como sabes, nosso conterrâneo. Viu-me, sentou-se na minha mesa e disse-me: olha lá, Zé, soube que compraste aquele terreno perto do sítio onde moro e que vais ali fazer uma casa. Já pensaste como a vais construir?»

Logo o Manuel Sousa interrompeu: «Mostraste-lhe a fotografia que há tempos te del, não?»

«Tá calado, porque realmente fiz isso e ouvi logo uma bronca».

A LAREIRA

«A Lareira» é uma casa típica de Fão onde se ouve o fado e se apreciam bons petiscos. Pois «A Lareira» mudou de donos. Foi adquirida pelo casal Cândida Saraiva-Alexandre Sá. Ele é um experiente funcionário do Casino da Póvoa, portanto vocacionado para as novas funções que vai exercer.

A transacção não foi barata mas os fangueiros devem fazer tudo para que as suas instituições ou empresas se agumentem.

Mas este dinâmico casal não se fica por aí. Val erguer junto às escolas Amorim Campos uma residencial com 25 quartos. Já foram conseguidas todas as autorizações. O custo total da obra aproximar-se-á dos cem mil contos.

É uma empresa arrojada, mas, como diz o ditado, «quem não arrisca não petisca». E Fão só se valoriza com isso. Não é apenas construindo habitações que se aumenta o valor económico de uma terra. Iniciativas destas é que são precisas. E em Fão mingam os empresários.

«Então por quê?»

«Olha, eu andava realmente meio baralhado e confuso, sem saber que tipo de casa fazer. Claro que lbe mostrei a foto da casa que tu viste na Alemanha, quando foste ao futebol, ver o Benfica. Aquela com telhados negros e a pique. Bonita mas um tanto esquisita. E logo ele me disse: Zé, estás tolo? Então tu que nasceste e viveste sempre em Fão queres fazer uma coisa que nunca viste por cá?»

Já meio enrascado respondi-lhe: «eu não, senhor arquitecto. Foi o Manel, que o senhor também conhece, que me deu a fotografia e a sugestão. Olhe, por acaso, eu até gosto da casa. Até porque o Manel me disse que tinha todas as comodidades de agora».

«Homem, mas tu podes construir uma boa casa em Fão sem ser essa». E depois acrescentou qualquer coisa que não percebi muito bem, tanto que até tomei nota. «Olha, tenbo aqui neste papel o que ele falou: tradição e inovação».

«E o que é que isso quer dizer?»

Segundo ele, e pelo que percebi, que a minha casa pode utilizar todos os materiais que há agora mais baratos e funcionais, ficar na mesma bonita e ao estilo das casas da nossa terra, mesmo com todas as comodidades. «Eu mesmo farei o desenho da tua casa» — disse-me. «Passados dias, mostrou-me um desenho. Realmente, é uma linda casa. Quando lá formos, mostro-te. De maneira que toma lá a tua fotografia. Porque já escolbi o modelo do arquitecto Simões. Olha, ele foi um amigo e foi uma sorte ter aquela conversa comigo».

Neste momento da conversa entre os dois, chegara ao fim da minha cerveja. Levantei-me. O assunto não me dizia respeito directamente. Mas estava satisfeito.

É que Fão não ia ser agredida, como infelizmente outras lindas terras de Portugal, com uma casa «made in Alemanha». Pelo menos na casa do José Santos, iam «morar», juntas, em coexistência pacífica e harmoniosa, a tradição e a inovação.

SE NÃO SE IMPORTAM, VAMOS AUMENTAR O PREÇO DO JORNAL

Aquando da saída de «O Novo Fanguero», calculamos a sua feitura para quatro páginas apenas e por isso o preço de assinante seria de esc. 350\$00. Como bem se lembram, o primeiro número saiu excepcionalmente com três folhas (seis páginas) embora tivéssemos avisado no primeiro editorial que a regra seriam quatro páginas.

O certo é que nunca reduzimos o número de folhas, antes pelo contrário, mas ao fim de um ano o déficit atingido foi de 120 contos, pelo que houve necessidade de aumentar a assinatura para esc.: 500\$00. Os nossos assinantes compreenderam a razão do aumento e ninguém devolveu o jornal. Um conterrâneo, mas um só, fez a excepção.

«O Novo Fanguero» é, voltamos a repetir, uma instituição da terra que cumpre acarinhando.

Bem, o jornal neste momento já leva doze páginas e às vezes damo-nos ao luxo de publicar catorze, com a primeira totalmente preenchida com uma foto, o que fica por um balúrdio. Há muito que na tipografia deixámos mais de meia centenas de contos por cada edição sem que o preço da assinatura se tenha alterado, já lá vão mais de quatro anos. Isto tem provocado atritos com o sector da contabilidade onde se defende uma filosofia cautelosa: o número de páginas deve estar em consonância com o fundo de maneio. Ao invés, nós gastámos em função do material noticioso e de qualquer assunto de momento que pareça de destacar, o que tem provocado dessintonia entre a receita e a despesa.

Há dias a responsável administrativa disse-nos que se estava a chegar a uma situação de ruptura de modo que se tornava necessário ou aumentar a anuidade ou reduzir o número de páginas. Ficámos de pensar no assunto

e esperámos também, um tanto ingenuamente, diga-se, que a Câmara Municipal e os Serviços do Notariado diversificassem equanimemente os seus anúncios (editais e constituição da sociedade). Isso não aconteceu, porém. Que nos lembre só uma vez fomos beneficiados com a «oferta» de uma escritura notarial — isto em cinco anos — e quanto à Câmara é preciso que o rei faça anos. Hoje por acaso é dia de anos. A edilidade vai-nos mandando anúncios de festivais artísticos mas já diziam os latinos: *Absque argento omnia vana* (nada se faz sem dinheiro) e o Sr. Albino da Binográfica, apesar de ser um cultor do belo canto (já apareceu na televisão) não há maneira de aceitar esses convites da música clássica para saldar as contas do jornal.

Não querendo desenvolver um conflito familiar — a eficiente Administradora também superintende no caldo que se come cá em casa — e não suportando qualquer diminuição de páginas — terão que passar por cima do nosso cadáver! — resolvemos aumentar, a partir de 1990, o preço de assinatura para esc.: 750\$00.

Esperamos a melhor compreensão dos nossos assinantes e que em reforço nos tragam uma nova assinatura. Só com muito bairrismo se aguenta um jornal em Fão.

Novos assinantes

Deram-nos o prazer das suas assinaturas os nossos prezados conterrâneos, irmãs Leda e Gilda (Dona Neves), domiciliadas no Rio há muitos anos.

Um abraço de muita saudade.

PÁGINA JOVEM

POEMA

Olá, jovens! Mais um mês se passou e cá estamos de novo convosco. Hoje temos uma estreia: a Marta, que já conhecem da poesia, estreia-se agora na prosa. Que sirva de incentivo a muitas outras vocações que ainda não se revelaram. Escrevam-nos! Mandem coisas!

Já não oiço chiar o carro de bois,
Já não vejo o fumo sobre o povoado.
Já não existe o mundo rural!
Vejo árvores caídas, casas levantadas,
Culturas importadas,
Onde está a solidão, a vida pacata,
A cantilena do pedreiro,
O murmúrio da madrugada?
Ó cidade maldita!
Ó vida desenfreada!
Ó horrores da urbe!
Ó sociedade viciada!
Quedai-vos um pouco.
Meditai em vossas obras,
Renovai as consciências.
Pendurai vossas espadas!

BALTAZAR

A BOLA-ÍRIS

Por MARTA

Sob o sol quente de agosto, a Sofia, no campo de trigo, soprava por um canudinho, fazendo bolas de sabão.

Começou a cair uma chuvinha leve e, no momento em que brilhou o arco-íris, a Sofia soprou levemente pelo canudinho de cartão.

E uma bolinha abriu os olhos ao mundo e disse:

— Olá, Sofia!

— Olá, bolinha! — disse ela, que não se admirava nada, pois tinha só quatro anos. — Como te chamas?

— Não sei. — respondeu a bola — Foste tu que me deste vida, dá-me nome.

E a Sofia, ao ver nela as sete cores do arco-íris, disse:

— Chamar-te-ás Bola-Íris!

— Obrigada pelo bonito nome, Sofia!

E quando a Sofia sorriu para a Bola-Íris, uma aragem leve de vento pegou com os seus braços carinhosos na bola e segredou-lhe ao ouvido:

— Vem! Vem voar comigo!

E a Bola-Íris soltou-se e despediu-se:

— Adeus, Sofia! Vou voar! Um dia voltarei!

E enquanto a Bola-Íris navegava ao sabor do vento, a Sofia dizia-lhe adeus com a sua mãozinha rechonchuda.

E a Bola-Íris voou sobre os telhados e roçou nas árvores.

— Que bom, que bom, voar aqui!

Mas eis que se descuidou e foi com o coração a partir-se que a Sofia viu a sua Bola-Íris desfazer-se na terra.

Um dia, porém, ela viu, uma planta nascida de uma semente que a Bola-Íris tinha deitado na terra silenciosa, a nascer e a florir em todas as cores e chamou-lhe Planta-Íris, a qual se tornou sempre mais bela com o passar do tempo.

E compreendeu que aquela planta era um sorriso eterno, de esterna despedida, da Bola-Íris.

PAUSA PARA SORRIR

Numa festa. Um convidado pergunta a outro:

— Que idade terá aquela senhora?

O outro responde:

— Ora deixa ver: durante três anos, ela disse que tinha 29; depois, nos sete seguintes, dizia que tinha 30; nestes três últimos anos diz que tem 31. Feitas as contas, deve andar à volta dos 48 anos...

★

Um homem ainda novo segue um pai que passeia com duas filhas jovens. Elas discutem sobre qual delas o moço vem seguindo.

O pai interrompe, categórico:

— Não se zanguem, minhas filhas! Não é a vocês que ele segue mas a mim; é o meu alfaiate e devo-lhe uma conta calada!...

★

O casal está a fazer convites para o casamento da filha. Diz a mulher:

— Não te esqueças de mandar convite ao Epaminondas! Ele é tão feio, tão feio, que tira o apetite aos convidados...

★

O menino pergunta:

— Papá! O que é uma obra póstuma?

Responde o pai, com ar muito sabedor:

— Obra póstuma é a que o autor escreve depois de morto.

ESTA FOLHA TEM O PATROCÍNIO DE:

Impetus ▲

O POETA

*Ó poeta que destizas
Entre opostas paisagens,
Entre a tristeza das brisas
D'alegria da linguagem.*

*Poeta de sangue ardente
Mas de um triste clima,
Com uma paixão de gente
Que seus olhos ilumina.*

*Poeta no firmamento
em estrelas ofuscantes.
É um tufão violento
Com frases extravagantes.*

*As palavras simbolizam
As ideias vaporosas
Que no seu pensamento habitam,
Lindas como a cor das rosas.*

*Consegue nuvens formosas
Que linda visão querida.
O poeta e as rosas,
A vida vivem sentida.*

*POETA, FALA DE SONHOS,
DAS GLÓRIAS DESLUMBRANTES,
DOS BELOS ROSTOS RISONHOS,
DOS MONTES DE DIAMANTES!*

ROSA DE PORCELANA

(Continuado do n.º anterior)



(Continua)

UM LIVRO MERITÓRIO: OS ESTALEIROS NAVAIS DE ESPOSENDE E FÃO NOS SÉCULOS XIX E XX

A construção naval foi em Esposende e Fão a actividade mais importante nas últimas centúrias até há poucos anos: 1935 para Fão, 1947 para Esposende se bem que na vila concelhia ela se encontra presentemente em elaboração. Dos estaleiros saíram barcos de grácil porte que suscitavam a admiração nos cais onde acostavam. Eles cruzaram os mares até à Terra Nova, às Áfricas, às Américas. Fascinados pelo irresistível chamamento do mar, daqui saíram marinheiros que se tornaram experientes oficiais de marinha mercante.

Havia necessidade de não deixar morrer no tempo a gesta heróica dos marinheiros do concelho. Impunha-se fixar em livro a obra desconhecida dos calafates, carpinteiros e construtores navais de Fão e de Esposende. Esse livro finalmente apareceu. Chama-se «Os estaleiros navais de Esposende e Fão nos séculos XIX e XX.». Seu autor: Bernardino Amândio.

Entre o acervo de dados históricos, recentes e passados, encontram-se cinco valiosas informações que permitem desfazer dúvidas de muitos anos:

I — A Carta de mercê de El-Rei D. Manuel I, datada de 1491, dada aos carpinteiros e calafates de Fão.

II — O alvará de D. Manuel I datado de 1516, em que mandava ao almirante de Alfândega de Vila do Conde que de seus rendimentos dê ao navegador de Esposende João Gonçalves uma varba para pagamento de mar que perdeu em combate;

III — O registo de 17 caravelas de Esposende em 1552 in «A caravela Portuguesa

do Comandante Quirino da Fonseca»;
IV — A carta Régia que eleva Esposende à categoria de vila, concedida por D. Sebastião, em 19 de Agosto de 1572.

V — O registo relativamente cuidado de construtores e construções navais a partir de 1830.

Que mais não fosse só estas cinco comunicações conferem à obra um valor prestimoso. Elas respondem a várias perguntas que se vem formulando ao longo dos anos e para as quais não se apresentavam respostas concretas.

A relação de barcos a que se refere a comunicação V é completada com uma outra lista coligida por Querubim Evangelista (e não por Mário Ramiro) o que nos levou a supor que não se trata de uma relação exaustiva. Relação que por sua vez não perfura os séculos XVIII e os que estão para trás. Em nosso entender só com a legislação progressista saída da revolução de 1820 se começou a registar e a arquivar os vários acontecimentos da vida portuguesa. E por isso as investigações tornam-se mais difíceis e morosas.

De qualquer modo e como diz o autor esta obra é o resultado «de numerosas buscas que se vêm prolongando há mais de meio século».

A par de fotografias de navios da época, sobretudo do início do século XX, este volume insere ainda uma listagem dos barcos construídos na nova fase dos estaleiros de Esposende (1980 em diante), registados pelo atento Belarmino. Faz ainda uma evocação dos últimos comandantes de navios nascidos em Esposende.

Um livro feito com muito amor, muito trabalho de pesquisa e que chegado ao seu terminus terá levado o seu autor a concluir que sobre o tema em questão há muito que investigar. E tanto assim é que o dr. Bernardino Amândio tem já em preparação um outro opúsculo a que dará o significativo título de «História trágico-marítima do concelho de Esposende», que será com certeza um complemento da obra que ora acaba de ser publicada.

A capa do pintor Villares Pires é muito sugestiva e a tentativa de equilíbrio na cor e composição foi muito bem conseguida.



Longa Vida

o que é bom da natureza

ENTRE NÓS

Acompanhado de sua esposa esteve uns breves dias em Fão, vindo do Brasil, o nosso amigo desde os tempos de escola, Manuel Raimundo Domingues Ferreira.

Há quanto tempo não nos víamos, e que saudades, Deus meu!

Pois é, caro Raimundo, foi um prazer abraçar-te, após 35 anos de ausência. E agora que sabes o caminho, será bom ver-te mais vezes na nossa sempre amada terra. E para a próxima dedica mais uns tempinhos aos amigos para a gente bater um papo. É tempo de voltar às refeições...

CONSERVATÓRIO DO REGISTO COMERCIAL DE ESPOSENDE

NOTA DE REGISTO
(Inscrição de Cooperativa)

Apresentação n.º 02, do dia 18 de Setembro de 1989. Inscrição n.º 4 a fls. 3 do livro J-1. Foi inscrita a constituição da Cooperativa Cultural de Fão, C.R.L. — provisória por natureza.

CONVITE

A Junta de Freguesia de Fão convida a população fangueira e os amigos do Eng. Losa de Faria a assistirem ao descerramento de uma placa toponímica em sua memória no sábado, dia 18 pelas 17 horas.

Antes da cerimónia será celebrada missa na Igreja da Matriz por intenção do antigo Presidente da Câmara, que terá início às 16 horas.

ÓPTICA Oliveira

ALEIXO FERREIRA, LDA

• ÓPTICA
MÉDICA

• LENTES DE
CONTACTO

• APARELHOS
DE PRECISÃO

R. DA MISERICÓRDIA, 6/12
4700 BRAGA ☎ 7 57 77

ALBERTO FIGUEIREDO (PSD) APRESENTA-SE

«Não vai querer nem um tostão da Câmara — Uma escola de ensino médio (turismo) em Ofir»

Já começaram a rufar os tambores eleitorais. O PSD reuniu no dia 4 de Novembro no Cinzede para apresentação dos candidatos às autarquias locais. Presidiu inicialmente o Governador Civil que perto das 22 horas cedeu o lugar ao Eng. Oliveira Martins que entretanto dera entrada na sala.

Inicialmente foram lidos por António Fernandes Cepa os nomes de todas as pessoas propostas para as freguesias, Assembleia Municipal e Câmara. Os cabeças de lista subiram ao palco e ocuparam a segunda fila de cadeiras que ladeava a mesa da Presidência.

A sala estava literalmente cheia. A última chamada, a de Alberto Figueiredo, encheu a sala de palmas e de gritos ao PSD.

Usou da palavra em primeiro lugar o Eng. António Fernandes Ribeiro, deputado e Presidente da Comissão Concelhia do PSD. Leu uma declaração política onde se destacaram o Desenvolvimento, Optimismo, Vontade de Mudança, Trabalho e Dedicção com as linhas de força que marcavam os espíritos da equipa que «irá, sem dúvida, orientar os destinos do concelho». Os vereadores do PSD foram sempre uma oposição construtiva a quem se tornou impossível o diálogo que sempre tentaram.

Falou em seguida o dr. Albino Campos, Presidente do Plenário do PSD de Esposende. Para dizer qualquer coisa aos seus companheiros, ele inspirara-se no desenho que vira fixado ali na parede: energia, futuro e vitalidade que resumavam da imagem do sol e da laranja que é fonte rica de vitaminas. Era preciso lançar uma Câmara cheia de energia e evitar uma gestão partida, passiva e que se limitou a uma gestão do dia a dia.

Seguiu-se o dr. Alberto Ribeiro da Silva. «Esposende quer ganhar/A Presidência vai mudar», foi assim que iniciou a sua breve intervenção. afirmou que se os esposendenses tiverem os olhos abertos iriam votar em Alberto Figueiredo. O Governo sendo PSD, para uma câmara que esteja entregue ao mesmo partido, é sempre melhor. Porquê? É muito mais fácil o relacionamento entre as pessoas e o acesso aos gabinetes. Esposende tem dois filhos neste Governo. Embora sendo homens com sentido de justiça, disse, estavam em perfeita sintonia com uma Câmara PSD.

Alberto Figueiredo falou a seguir. Lamentou que muita gente sentia medo de votar nele só porque tinha um filho colocado em A e B. Muitos amigos gostariam de estar ali mas tinham receio. Ele mesmo se sentia perseguido. Dele se dizia que comprava votos a 500 contos. Que a sua riqueza vinha do Fundo Social Europeu.

Quanto à Câmara apresentava no orçamento um buraco de 80.000 contos e ainda assim discutia outras obras a lançar em concurso. A próxima Câmara vai ter que se haver com um buraco de 400 mil contos.

Outra preocupação: os jovens. Estudam e depois têm que se empregar em Viana, Barcelos, Braga. Tem um projecto. Não vai querer receber um tostão da Câmara, nem carro nem quaisquer benesses. A sua Câmara será aberta. Os vereadores actuais do PSD não conhecem metade do que se passa. E representam 40% dos eleitores. Há que dar o salto para o ano 2000 através do diálogo e não com guerras. O turismo não se pode resumir a jantares. Há que fomentar o turismo de qualidade. «Vamos tentar que se crie no concelho (Ofir) uma escola de ensino médio (turismo) que possa abarcar cozinha e pastelaria, mesa e bar, colaboração, atendimento e talvez artes gráficas, desenhos gráficos e impressão».

Tem de se resolver o problema da habitação com prédios de renda económica. «Vamos fazer casas não como aconteceu em Fão. Vamos fazer casas para quem tem fraco poder económico».

Confessou-se ainda adepto de centros de dia, mais do que lares.

«Vamos criar uma Câmara para o ano dois mil se os eleitores quiserem».

Finalmente usou da palavra o Eng. Oliveira Martins. Estava ali para dar a sua solidariedade ao grupo do PSD. Referiu-se ao capital que representa para Esposende ter dois filhos no Governo, mas esse capital só seria rentável se a Câmara fosse dinâmica, estudasse os problemas, não navegasse em fantasias e apresentasse os problemas com clareza ao poder central.

«Caro Alberto Figueiredo, a vida ajudou-o, Deus ajudou-o, pois agora ponha essa riqueza ao serviço do concelho».

Finda a intervenção do Ministro das Obras Públicas o candidato respondeu a algumas perguntas que lhe foram postas pelos jornais locais: Jornal de Esposende e O Novo Fangeiro.

★

A apresentação dos candidatos do PS faz-se no sábado, dia 11, no Hotel Nélia.

ELEIÇÕES

Apresentamos as listas das quatro candidaturas à autarquia fangeira: PSD: Fernando António Faria de Vilar, José Artur Saraiva Marinho, Joaquim Hermâni Vinha Novais, Norberto Manuel Pereira da Silva Mota, Rogério Sousa Morgado, Manuel Ferreira Vieira, Carlos Rodrigues Palma Rio, Manuel Ribeiro da Costa, Emídio Real Morais, Dr.ª Rita Olga de Faria Cubelo Arantes Furtado.

PS: Zita Madalena Ramos Pereira, Prof. António Barros Peixoto, Edgar Mendanha, Rafael Oliveira, Fernando Pedras, Emídio Pedras da Silva, José Armando Santos Solinho, Carlos Alberto Graça Peixoto, António Ribeiro, António Teixeira Dias, António Gomes da Silva, Dr. Armando Saraiva.

PCP-PEV: Dr. José Cândido Vinha Novais, Maria Ernestina Ribeiro, prof. Manuel do Cabo Fernandes Grilo, Maria Moreira Portela Pedras, António Agonia Pereira, Manuel Ramos Bernardino, João José de Sousa Novais, Artur Hipólito da Silva, Manuel António Araújo, Dr.ª Ana Maria Couto Pinto, Carmen Pedras da Silva.

CDS: Luís Gomes Viana, eng. José Manuel Teixeira, António Gomes Viana, Alfredo Palmeira Machado, António Gonçalves Figueiredo, Óscar Gomes Viana, João Miranda Ferreira, José Crisóstomo de Oliveira, Horácio Martins de Matos, Marílio Matos do Vale, José Alexandre Teixeira, António Ramos de Sá.

Candidatos à Câmara de Esposende

PSD: Alberto Queiroga Figueiredo, Eng. Adélino Miranda Marques, Dr. Albino Penteadado Neiva, Alberto Luciano da Fonseca Torres, Carlos Francisco da Costa Palma Rio, Virgínia Fernandes Patrão Peres Filipe, Fernando Ribeiro da Fonseca, António da Silva Garrido, Manuel Fernando Lima da Meira Torres e Joaquim Pena Lopes.

CDS: Prof.ª Laurentina Torres Losa de Faria, Dr. José Barros Oliveira, Dr. José Armando, Dr. João Paulo Gomes (1).

PS: Dr. Juvenal Silva, Dr.ª Luísa Lamela, Dr. Gualdino Silva, Dr. Joaquim Peixoto, Eng. Ag.ª José Armando Torres, Eng. Tec.ª João Boaventura, Dr. Armando Saraiva, Dr. Abílio Serra e Prof. João Machado.

PCP-PEV: Dr. Joel Duarte, Prof. Manuel do Cabo Fernandes Grilo, Manuel Luís Ramôa Ferreira Capa, Dr. José Cândido Vinha Novais, Marcelo Augusto Queirós Ribeiro da Cruz, Noé Alves Miquelino Guimarães, Ana Maria Ferreira do Couto Pinto, Maria Hermínia, Gigante Bacelar, José António Ferreira Vilar Pires e Manuel Ferreira dos Santos.

ASSEMBLEIA MUNICIPAL

PSD: Eng. António Fernandes Ribeiro.

CDS: Dr.ª Rosa Torres Fonseca.

PS: Prof. José Luís Azevedo.

PCP-PEV: António Fernandes de Matos.

(1) Solicitamos atempadamente às cabeças de lista uma relação dos nomes concorrentes à Câmara. Não recebemos qualquer resposta.

CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE

AVISO

BOLSAS DE ESTUDO

LAURENTINA VELOSO FERNANDES TORRES LOSA FARIA, PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE:

TORNA PÚBLICO, que esta Câmara Municipal deliberou, em sua reunião ordinária de 04/05/89, conceder 10 BOLSAS DE ESTUDO para o ano lectivo 89/90, sendo 5 no valor de 8.000\$00 mensais, cada uma, para alunos do ensino pós-secundário, e 5 no valor de 4.000\$00 mensais, cada uma, para alunos do ensino secundário.

Para cumprimento da referida deliberação se informa que as candidaturas às citadas BOLSAS DE ESTUDO deverão ser feitas entre 1 e 31 do próximo mês de Outubro, mediante requerimento subscrito pelo interessado ou, sendo menor, pelo Encarregado de Educação, e entregue no Sector de Expediente e Informação da Repartição Administrativa e Financeira desta Câmara Municipal, dentro do horário normal de expediente, onde serão prestados todos os esclarecimentos.

Para constar e devidos efeitos se publica o presente aviso e outros de igual teor nos lugares públicos do costume.

Esposende e Paços do Concelho, 05 de Setembro de 1989.

A Presidente da Câmara,
LAURENTINA VELOSO FERNANDES TORRES LOSA FARIA

CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE

EDITAL

LAURENTINA VELOSO TORRES LOSA FARIA, Presidente da Câmara Municipal de Esposende:

FAZ SABER que o terreno situado no gaveto entre a Trav. dos Pescadores e a Rua João de Freitas, nesta vila de Esposende, com a área de 100 (cem) metros quadrados, confrontando pelo norte com terreno público, pelo sul com Trav. dos Pescadores, pelo nascente com Avelino Meira do Poço, e pelo poente com a Av. Marginal Eng.ª Arantes e Oliveira, omissa à matriz respectiva e na Conservatória do Registo Predial, é considerado domínio público da autarquia, cuja localização e confrontações melhor constam da planta topográfica que faz parte integrante do presente Edital.

DE HARMONIA com a deliberação do executivo municipal de 21 de Setembro findo, e de acordo com a intenção na mesma manifestada, se TORNA PÚBLICO que a Câmara Municipal pretende desafectar o referido terreno, por forma a integrá-lo no seu domínio privado, com vista à sua futura alimentação.

DURANTE o prazo de 30 (trinta) dias, a contar da afixação do presente Edital, poderão reclamar contra tal acto todo aquele que legitimamente se considere com direitos de propriedade ou fruição sobre o mencionado terreno, devendo, para o efeito, dirigir reclamação à Presidente da Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

PARA CONSTAR e devidos efeitos se publica o presente EDITAL que vai ser afixado nos lugares públicos do costume e publicado num dos jornais mais lidos na área do Município.

E eu, Manuel Maria Martins da Silva Costa, Chefe da Repartição Administrativa e Financeira da Câmara Municipal, o subscrevi.

Paços do Concelho, 03 de Novembro de 1989.

A Presidente da Câmara,
Laurentina Veloso Fernandes Torres Losa Faria

FRANCISCO DIAS DOS SANTOS BORDA

(Cont. da pág. 1)

quentes a mesma data é peremptoriamente afirmada. Talvez possamos entender este desajustamento se tivermos em conta que não foi Querubim Evangelista quem mandou publicar o seu trabalho no jornal de João Amândio. Já tinha falecido quando isso aconteceu. É possível que não tenha dado uma última revisão ao texto. Foi sua esposa quem fez sair os artigos no Cávado, a pedido insistente do dr. Franklím Nunes, com uma correção última por efectuar.

Em que data teria chegado a Fão Francisco Borda? No citado livro de Bernardino Amândio lê-se numa relação de barcos acabados em Fão e Esposende que um tal Francisco Dias dos Santos construiu em 1849 um iate chamado Bom Jesus do Monte, nos estaleiros de Fão. Ainda segundo o mesmo autor, obra citada, aparece-nos um Francisco dos Santos Borda, em 1854, e construir outro iate, chamado Aleluia, também nos estaleiros de Fão. Ao que consta, estes dois Franciscos seriam uma e a mesma pessoa. Teria chagado a Fão, talvez na terceira década de XIX e fixou-se na casa do Cais «por casamento ou por qualquer outra circunstância». O seu nome era Francisco Dias dos Santos. Segundo nos revelou o P.e Avelino Borda, seu bisneto, o escritor Manuel Boaventura contou-lhe que ao tempo, meados do séc. XIX, existiam em Fão duas pessoas com idêntica designação e, para se diferenciarem, um acoplou ao seu nome o apelido *Borda*, uma vez que morava junto à borda d'água; o outro, talvez por afinidades familiares, ficou com o sobrenome de Sinaré. Portanto, Francisco Dias dos Santos Borda e Francisco Dias dos Santos Sinaré. Por sua vez Cecília Amorim dá outra versão: O Francisco Dias dos Santos adoptou o apelido de Borda (borda d'água) para se distinguir dos familiares de Curvos. Nós vamos mais por esta última hipótese por se apresentar com mais lógica. É que os Sinarés moravam nas Pedreiras, o que quer dizer que também ficavam perto do rio. E há ainda outro pormenor. Numa lista de construtores navais citada por Querubim Evangelista nos artigos atrás referidos aparece-nos um nome assim expresso: Manuel Dias

dos Santos Borda (Sinaré). Não fazemos a mínima ideia onde Querubim Evangelista foi buscar este apelido. Pena estes articulistas não citarem as fontes de onde conseguiram as informações mais polémicas ou mais importantes. Entre os iniciados em investigações históricas verifica-se a preocupação de ocultarem as bases quando, ao invés, a sua revelação só vem valorizar os trabalhos apresentados. Uma investigação histórica nunca é um trabalho plenamente atingido e a citação das fontes é já uma complementação informativa: se forem boas avalizam a investigação. Se foram frágeis ajudam os interessados a tomarem certas cautelas com os dados informativos e a procurarem bases mais fidedignas ou porventura confirmativos dos mesmos.

(Continua)

BCI abre nova Agência no Cacém

No passado dia 6 de Outubro o BCI — Banco de Comércio e Indústria, S.A. abriu uma nova agência no Cacém.

Com mais este balcão o BCI passa a contar já com uma rede de 13 agências. Até ao final do ano a rede do Banco será ainda ampliada, estando já seleccionadas para aberturas muito em breve as praças de: Caldas da Rainha, Leiria e Braga, além do reforço das posições em Lisboa e no Porto.

DESASTRE

Quando no dia 24 de Outubro seguia de motorizada para o seu trabalho, em Esposende, o nosso conterrâneo Adriano Quinta Casanova foi abalroado por um camião que lhe decepou o pé esquerdo.

Foi conduzido para o Hospital de S. João numa ambulância dos Bombeiros, encontrando-se internado.

Formulamos votos de melhoras.

ÀS GARAGENS

TEMOS PARA ENTREGA IMEDIATA E AOS MELHORES PREÇOS:

- TESTES ELECTRÓNICOS
- ELEVADORES DE PISTONS
- ELEVADORES DE 2 E 4 COLUNAS
- MINI-ELEVADORES
- GRUAS HIDRÁULICAS
- MACACOS
- LAVAGEM A ALTA PRESSÃO «DIMA»
- MÁQUINAS DE LUBRIFICAÇÃO
- COMPRESSORES
- FERRAMENTAS MANUAIS

REIMELI, LDA.

RUA 5 DE OUTUBRO, 272 — TELEF. 691018 — TELEX 23623 — 4100 PORTO
AGENTE EM FÃO: JOÃO EMÍLIO SÁ PEREIRA — TELEF. 961845

PAGARAM A ASSINATURA

1985/86/87/88 — Prof. Doutor Cândido Hipólito Reis, Porto, 2.000\$00; 1985/86/87 — Eng.º João Lobo Maia, Porto, 1.500\$00; 1986/87 — António Cândido Bandeira dos Santos, Corrolos, 1000\$00; 1987 — José Eduardo Felgueiras, Esposende, 500\$00; Dr. Francisco Brás Marques, Esposende, 500\$00; 1987/88/89 — Adelino Dias da Silva, Apúlia, 1500\$00; António Manuel Sanches Castilho, Fão, 1500\$00; Belmiro Gonçalves Ferreira, Fão, 1500\$00; 1988 — Armindo da Rocha Duarte, Penafiel, 500\$00; Menino Tiago Oliveira, Penafiel, 500\$00; Joaquim Oliveira Lima e Costa, P. Varzim, 500\$00; Ernesto Gonçalves Silva, Porto, 500\$00; João Eduardo Pinto da Costa, Porto, 500\$00; D. Alice Torres do Monte, Fão, 500\$00; Adelino Luís Ferreira, Fão, 500\$00; Cândido Lavandeira do Monte, Fão, 500\$00; Júlio Devesa de Sá Pereira, Porto, 500\$00; Américo Carvalho, França, 1000\$00; D. Maria Alice Fernandes Morais, Barcelos, 500\$00; Ascânio de Lima Moledo, Fão, 500\$00; 1988/89 — Brigadeiro António Ferreira Rod. de Areias, Funchal, 2.000\$00; Albino Martins Dias de faria, Lisboa, 1000\$00; Óscar Carvalho, Barcelos, 1500\$00; Dionísio Ferreira Neves, Brasil, 2000\$00; Manuel Ramos Morgado, Fão, 1500\$00; Joaquim Barbosa, Valença, 1000\$00; 1989 — Manuel Gomes Soares, Fão, 1000\$00; Dr. Manuel António Dias Fráguas, Fão, 5000\$00; Maximiano Gomes Calafate, Brasil, 1000\$00; Manuel Lemos, Brasil, 1000\$00; Francisco dos Santos Gomes Solinbo, Fão, 500\$00; Daniel Carlos, Venezuela, 1000\$00; Dr. José Albino Torres Saraiva, Fão, 500\$00; João Alves Sousa Gomes, Brasil, 1000\$00; Simplício Cândido M. de Sousa, Braga, 1000\$00; António Teixeira da Silva, Esposende, 1000\$00; Dr. Juvenal, Esposende, 1000\$00; Dr. Agostinho da Rua Reis, Esposende, 500\$00; Manuel José Dias Ferreira, Esposende, 500\$00; Jorge Santos (Ourivesaria Paz), Porto, 500\$00; Ricardo Alves da Silva, França, 1000\$00; José Morais Casanova, Braga, 600\$00; Prof. António J. Dias Peixoto, Fão, 500\$00; D. Maria Adelaide Gonçalves Morim, Fão, 500\$00; João Ramalho, algueiro, 1200\$00; Prof. Mário Ramiro Dias Ferreira, Porto, 500\$00; Domingos Morais da Silva, França, 1000\$00; José Manuel Silva Carvalho, Porto, 500\$00; D. Denise Maria Silva Vila Lobos, 1.200\$00; Francisco Ventura Peixoto, Canadá, 5000\$00; António Gaia, Matosinhos, 500\$00; Dr. Juiz Desembargador José Ramos da Fonseca, Fão, 1000\$00; Gumerindo Vilar Machado Soares, Porto, 1000\$00; D. Leda Maria Vilas Boas, Brasil, 1000\$00; D. Maria Gilda C. C. Rod. de Almeida, Brasil, 1000\$00; Luís Gonzaga Eiras Azevedo, Leça da Palm., 500\$00; D. Maria Natália Sá da Quinta, Barcelos, 500\$00; Dr. Aniceto Vieira Martins, Porto, 500\$00; Dinis Eduardo Lemos Victoria Corais, Vizela, 500\$00; Filipe Álvaro Gonçalves de Oliveira, Barcelos, 500\$00; António Alberto Caravana da Silva, Barcelos, 1000\$00; Manuel Rodrigues Figueiredo, Barcelos, 500\$00; Adolfo Roger, Braga, 500\$00; Eng.º Jaime de Bessa M. Sousa, Porto, 500\$00; Mário dos Santos Ferreira, Fão, 1000\$00.

FOLHA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



CULTURA PRÁTICA DO MELÃO

(Continuado do número anterior)

Este fungo ataca também o melão, ao qual causa grande prejuízo, nas folhas, caules e frutos. Os sintomas nas folhas apresentam manchas circulares de tonalidade amarelada, que passam para castanho-aver-

melhada a seguir e com o centro rosado. Quando atacam o caule, sobretudo em plantas jovens, é muito perigoso.

Se o ataque é nos frutos, estes ficam completamente depreciados pela sua deformação.

Os esporos deste fungo podem ser retransmitidos pelas sementes do melão e ficam no terreno um a dois anos.

Convém fazer a desinfecção das sementes a seco com Kor 80 à razão de 250 a 500 g., para 100 Kgr. de sementes, ou com bicloreto de mercúrio, em soluções a 1 por mil, durante 10 minutos.

Há também conveniência em fazer rotações adequadas. Durante o ciclo vegetativo, os tratamentos para esta doença deverão ser feitos com produtos à base de cobre como: Vitigran, ou Vitanebe C.

c) Míldio

Esta doença ataca menos esta cultura do que as anteriormente descritas. No entanto, quando as condições de humidade e temperatura são propícias, poderá causar grandes estragos, provocando a dessecação parcial, ou total das plantas, sobretudo quando ainda jovens.

Pode combater-se com produtos à base de mancozebe como o Kor 80, à razão de 250 g. em cada 100 l. de água em pulverização.

d) Comp. Fusariose-Verticilliose

Este pode causar graves prejuízos nesta cultura. O seu ataque provoca o *murchamento progressivo dos brotos e chega a afectar totalmente as plantas sobretudo as mais jovens*. Como medidas preventivas, dever-se-ão fazer rotações de culturas, desinfecções do solo, das sementes, e usar variedades resistentes.

Como tratamento curativo, convém utilizar o «Previcur N» à razão de 150/200 c. cúbicos, juntamente com o fuclasin ultra na dose de 200/250 gramas em cada 100 litros de água em pulverização, tendo o cuidado de molhar bem e abundantemente os colos das plantas. Os tratamentos devem ser feitos com o terreno húmido.

JOSÉ GOMES AMORIM MARQUES & FILHO LDA



Aducos Químicos • Insecticidas
Sementes Horticolas • Batata de Semente •
Importador Exportador

SEDE
A-Ver-o-Mar ☎ 681765 PÓVOA VARZIM
FILIAL
R Filipa Borges ☎ 812199 BARCELOS

25 — COMPOSIÇÃO DOS FRUTOS

A composição do fruto do melão por cada 100 g. de polpa é de:

a) Água	87/90 gramas
b) Hidratos de carboto	6,5 gramas
c) Gorduras	0,1 gramas
d) Proteínas	0,9 gramas
e) Vitaminas	
— A	438 unidades
— B1 Tiamina	0,06 mg.
— B2 Riboflavina	0,02 mg.
— C A. ascórbico	30 mg.
— NIACINA	0,6 mg
f) Minerais:	
— Cálcio	20 mg.
— Ferro	0,5 mg.
— Calorias	26 mg.
— Desperdícios	40%

26 — COLHEITA

O melão deve colher-se no preciso estado de maturação. Se esta é incompleta, o fruto não possui ainda a dose máxima de açúcar, nem o aroma próprio, pelo contrário, se estiver sobre-maduro a polpa fica aquosa, perdendo qualidades e resistindo mal aos transportes.

Convém escolher o momento óptimo para a colheita, para evitar perda de qualidades, como é natural. Deve ter-se em atenção algumas características externas para assim determinar a maturação mais conveniente.

Assim:

- Elasticidade dos tecidos junto ao pedúnculo.
- Fendilhamento, que envolve o pedúnculo, junto ao fruto.
- Viragem da cor para o tom verde claro, ou o amarelado.
- Quando os tecidos da zona oposta ao pedúnculo cedem à pressão do dedo polegar e mudam de cor. Os frutos devem ser

(Continua na pág. 10)

DE ZPC



BATATA SEMENTE
DE ALTA QUALIDADE!
PRODUZIDA NA HOLANDA!

COOPERATIVA OBTENTORA DE VARIEDADES MUITO PRECOSES - PRECOSES
SEMI PRECOSES - SEMI TARDIAS E TARDIAS COM EXCELENTES
CARACTERÍSTICAS PARÁ PRIMORES. CONSUMO. EXPORTAÇÃO E INDÚSTRIA:

DESIREE - JAERLA - BARAKA - MONALISA - EDZINA

VARIEDADES EXPERIMENTADAS (- VERMELHAS: Asterix, Bartina,
EM PORTUGAL (Cleopatra

(- AMARELAS: Berber, Concurrent,
(Frisia, Mansour, Obelix, Ukama,
(Van Gogh



DE ZPC: SOMOS A BATATA DE SEMENTE

Z.P.C. — PORTUGAL, LDA.
Apartado, 259
Telefax (034)311912
3800 AVEIRO

(Continuado da pág. 9)

colhidos ao cair da tarde ou durante as primeiras horas da manhã.

Devem ficar com um pouco de pedúnculo, cerca de 2 centímetros.

Em Portugal, a colheita do melão inicia-se em Junho e termina em Outubro. Os rendimentos vão de 20 a 40 toneladas por hectare.

FIM



MULTIPLANTA
Sociedade de Fomento Hortícola, Lda.
VIVEIRISTA
PÉPINIERISTA

MORANGUEIROS
ÚNICOS DETENTORES PARA PORTUGAL DAS MARCAS REGISTRADAS DAS SÉRIES DOUGLAS® E CHANDLER® (LICENÇA ZANZI-TÁLIA)

ACTINIDIAS (KIWIS)
OUTRAS ESPÉCIES FRUTÍCOLAS

VIVEIROS DE MORANGUEIROS DE ALTITUDE NA SERRA DA ESTRELA

PRODUTORES E EXPORTADORES

TELEF. 42197 3060 CANTANHEDE

CULTURA PRÁTICA DO MARACUJÁ

1 — CLASSIFICAÇÃO BOTÂNICA; ESPÉCIES DE MAIOR INTERESSE

O maracujazeiro pertence à família PASSIFLORACEAE e ao género PASSIFLORA.

A família Passifloraceae é muito falada na literatura mundial em virtude das suas estra-

nhas flores terem inspirado poetas e prosadores por nelas verem simbolizada a paixão de Jesus Cristo; por isto mesmo há quem chame a estas flores, flores da paixão.

As espécies mais disseminadas pelo mundo, entre cerca de 530 que se conhecem, são:

- Passiflora edulis Sims.
- P. lingularis Juss.
- P. mollissima Bailey
- P. quadrangularis L.

Com a finalidade de dar a conhecer algumas das suas características mais salientes, faremos uma descrição sumária das espécies anteriormente citadas:

Passiflora edulis sms.

É actualmente a espécie mais cultivada pelos principais produtores de maracujá: Austrália, Nova Guiné e Hawai. A «P. edulis» produz um fruto cujo epicarpo é do tamanho de um ovo de galinha e de cor purpúrea ou castanha escura, sendo o endocarpo amarelo. a variedade «flavicarpa», já em grande difusão, produz frutos amarelos.

Passiflora lingularis Juss.

O fruto tem cambiantes que vão da cor vermelha á alaranjada, sendo maior do que o da «P. edulis» e com epicarpo um pouco mais espesso; se bem que os frutos sejam muito resistentes ao transporte, esta espécie está a ser substituída pela anterior dado o seu menor interesse comercial e industrial.

Passiflora mollissima Bailey

Os frutos são de forma alongada, pesando 50 a 150 g; a polpa é amarela, um pouco ácida, mas muito perfumada; sob o ponto de vista de palatibilidade considera-se esta espécie como uma das melhores, sendo a mais cultivada na Colômbia.

Passiflora quadrangularis L.

Os frutos são, em geral, mais volumosos que os precedentes, chegando a pesar mais de 2 Kg. O epicarpo é verde-amarelo e muito delgado; a polpa é amarelo-esbranquiçada, acidulada e açucarada, mas menos perfumada que a das três anteriores espécies; é muitas vezes usada para fazer doce.

Sendo a «Passiflora edulis» e a sua variedade «flavicarpa» as de maior interesse comercial e industrial, a elas nos iremos referir

em particular, designando-as pelos nomes porque vulgarmente são conhecidas:

Maracujá roxo (P. edulis Sims).

Maracujá amarelo (P. edulis var, flavicarpa Deneger).



estrela adubo
FÁBRICA DE ADUBOS ORGÂNICOS, LDA
ADUBO CORRECTIVO ORGANOQUÍMICO

Composição:		
Matéria orgânica (%)	28	0-38
Nitrogénio (%)	2,5	0-7,0
Fósforo P ₂ O ₅ (%)	2,0	0-5
Potássio K ₂ O (%)	2	0-6
Calcio (%)	1,5	0-3
Microelementos	30	0-100
pH	6	0-7
C.V. (%)	17	0-25

ESTAMOS DESENVOLVENDO A MINHOCULTURA
CONSULTE-NOS

Est. Nac. N.º 2 MUNA - LORDOSA
Telex 53386 Adubos P
Tel. (032) 91282 - 91283
Apart. 46 Viatito 3500 VISEU

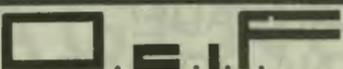
50kg KILOS

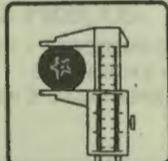
2 — A PLANTA. AS FLORES E OS FRUTOS

O maracujazeiro é uma planta perene, trepadeira (gavinhas), lenhosa, com grande vigor e de crescimento rápido. As folhas são alternas, diversamente recortadas e de pecíolos, frequentemente, com nectários na base.

O sistema radicular é superficial e pouco ramificado, podendo observar-se que mais de metade das raízes se localizam nos primeiros 30 cm do solo, enquanto 60 a 80% se encontram a menos de 50 cm do tronco.

O maracujá roxo, planta totalmente glabra com excepção do ovário, possui os ramos, as folhas e as gavinhas de coloração verde clara. As flores que surgem na axila de cada folha, nos ramos novos, são solitárias ou estão em pequenas cimenras e têm mais de 7 cm de largura. São compostas por: 5 sépalas oblongas de coloração exterior verde e branca internamente; 5 pétalas oblongas de cor branca; 5 estames com grandes anteras; 1 estigma tripartido e 1 coroa formada por 4 a 5 séries de filamentos brancos tingidos por uma coloração purpúrea na base. Nesta espécie, as flores abrem-se pela madrugada e fecham-se antes do meio-dia. O fruto ovóide ou globoso é uma baga com 4 a 5 cm de diâmetro, adquirindo uma coloração purpúrea intensa quando bem maduro, altura em que se desprende da planta. A casca, coriácea, quebradiça, lisa e brilhante, é recoberta por uma fina camada de cêra, protegendo um mesocarpo duro e escamoso, formado por 5 camadas de células. O endocarpo (polpa) é sumarento, amarelo e de sabor ácido, mas muito agradável; misturadas com a polpa encontram-se inúmeras sementes de cor preta, ovais e achatadas, com 5 a 6 mm de comprimento e 3 a 4 mm de largura, de aspecto reticulado, recobertas por pequenas pontuações de tons claros.

CALIBRADORES DE FRUTA 

MINI-LINHA COMPACTA

Indicada para espaços limitados

Rendimento de 2.5 - 3 ton/h

CONSULTE A **Sonda**

TEMOS A SOLUÇÃO PARA O SEU PROBLEMA

PARCEIROS — APARTADO 12 — 2401 LEIRIA CODEX • TELFS.: 33 401-34 967 • TELEX 43811 ELIND P • TELEFAX 33693

(Continua no próx. número)

ÁFRICA ADEUS!

(Continuado da pág. 12)

destino havia uma cantina para fornecer os seus trabalhadores e que também vendia para os povos vizinhos, muito embora isso fosse ilegal. No entanto não havia intenção de fazer concorrência ao comércio, visto o Bom Destino também ter duas casas comerciais na povoação de Vista Alegre.

Os nativos por tradição costumavam fazer as suas compras no Bom Destino, visto ser muito mais antigo que a Vista Alegre. Era ali que eles resolviam grande parte dos seus problemas económicos, vindo ali pedir dinheiro que depois pagavam na colheita do café, sem nunca lhes ter sido cobrado um centavo de juros ou outras contrapartidas.

A enfermaria do Bom Destino todos os dias fazia dezenas de pequenos tratamentos a doentes dos povos vizinhos sem nada cobrar. Apenas se pretendia cativar a amizade dos naturais. Eram aproximadamente onze horas quando se ouviu o roncar de um motor e pouco depois um jeep parou à frente da residência. Era o Chefe do Posto de Cambamba. A povoação de Vista Alegre era relativamente nova e não possuía posto administrativo. Como tal pertencia administrativamente ao posto de Cambamba, povoação bastante antiga, mas a abertura da nova estrada Luanda-Carmona, passando por Vista Alegre, valorizou-a enquanto Cambamba, afastada 25 km, ficou para segundo plano. Vista Alegre lutava para que o posto Administrativo fosse mudado para lá, mas a população de Cambamba opunha-se a tal, argumentando que isso seria o fim de Cambamba.

Enquanto este problema não se resolvia, o Chefe do posto de Cambamba, tinha que visitar as propriedades agrícolas de Vista Alegre para se inteirar dos problemas que porventura pudessem existir e é nessa missão que o Chefe visita o Bom Destino.

Após o jeep ter parado, dirigi-me para o visitante e perguntei: «vem almoçar não é verdade?» «Sim, já que cá estou, aproveito para almoçar», respondeu o Chefe. «Então faça favor de entrar ainda é um pouco cedo mas enquanto preparam o almoço aproveitamos para conversar um pouco».

Já no interior do edifício, enquanto se saboreava uma bebida fresca, o Chefe vem com a pergunta habitual: «Então, senhor Ramos, como vão as coisas por aqui?», respondi, «de-

masiadamente calmo «até faz desconfiar». «E faltas?», acrescentou o Chefe «o pessoal tem faltado muito?» «Lá faltar muito isso faltam», respondi, «mas até nisso acho estranho porque estão a faltar menos do que normalmente faltavam. Há apenas um caso que me parece um pouco duvidoso. Um trabalhador já falta há uma semana e os companheiros dizem que ele foi para o outro lado do Dange, mais precisamente para Bulangongo. Eu desconfio que há qualquer coisa que eles estão a esconder». «Nesse caso», respondeu o Chefe, «você manda cá vir o Soba e diz-lhe que eu mandei perguntar onde está esse homem».

A conversa continuou durante o almoço tendo como tema a conjuntura onde Angola aparecia sempre nas discussões e era apresentada na ONU como um perigo para a paz mundial. «Vejam só. Nós, um perigo para a paz mundial. Nós que nem um exército temos em Angola. Nós apenas sabemos tratar da terra e amá-la. Eles sabem perfeitamente que não somos nenhum perigo», respondeu o Chefe.

«Eles querem mas é as riquezas que Angola tem e que até agora nós não soubemos explorar. Na política, meu amigo, os fins justificam os meios», concluiu o Chefe.

Terminado o almoço dirigiu-se para o jeep e ao despedir-se adiantou: «tenho que ir. Ainda tenho outras fazendas a visitar. Qualquer anormalidade que apareça comunique-me, está bem?»

O jeep entou no jeep e arrancou, levantando uma nuvem de poeira.

Voltei para casa e chamei o criado: «Manonga, vais à Sanzala do Kaiaka e dizes ao Soba que venha cá que eu preciso falar-lhe». «Sim patrão», ao mesmo tempo que se retirava para cumprir a ordem.

(Continua)

Braga vai ter uma Escola Profissional de Manequins

A Escola de Manequins de Lisboa, vai abrir em Braga uma filial. Mas, não vai deixar de ter a mesma qualidade que mantém em Lisboa.

Os principais monitores vão deslocar-se a Braga, em roulement, mantendo as duas escolas a funcionar.

Este duplo trabalho, obrigou a entrada de novos monitores, que desde há dois meses vêm sendo preparados para Lisboa. Desta forma, as aulas nos dois locais são asseguradas pelos monitores coadjuvados pelos novos, que terão a responsabilidade, dentro de quatro meses, de aliviar o trabalho exaustivo que vai ser pedido aos actuais responsáveis pela Escola de Manequins de Lisboa.

Todas as disciplinas, vídeo, maquilhagem, fotografia, etiqueta, dança jazz e desfile, serão leccionadas nas instalações próprias que a Escola montou no Centro de Braga, na Rua Araújo Carandá, 95.

Haverá Cursos de manequins profissionais, com inscrições sujeitas às regras internacionais, Cursos de Valorização Pessoal e Aulas de Dança.

As inscrições abrem no dia 13 de Novembro e os cursos têm início no próximo dia 20 de Novembro de 1989.

O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Fernando de Almeida
Cecília da Amorim
Dinis da Vilarelho
José Ramos da Silva
José Ferreira Neves
A. Ramos Assunção
Quim da Fão
Agonia Pereira

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
R. de Cima n.º 5 — Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 684318

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:
Anual..... 500\$00

A cobrança de «O Novo Fanguero» através dos Correios será por conta do assinante.

A BRASILEIRA
PORTO

Nós somos café



ENTRE PINHAL E MAR, JUNTO AO RIO...

É na Costa Verde, em pleno coração do Minho, na orla do frondoso pinhal de Ofir e frente ao belo estuário do Rio Cávado, a escassos minutos a pé do extenso areal da praia de Ofir.

É nesta soberba paisagem, uma das mais belas do país, onde a fragância dos pinheiros se une ao ar marítimo, impregnado de iodo, ambiente ideal para repousar e passear, que se ergue o



HOTEL DO PINHAL ☆ ☆ ☆

OFIR — FÃO — 4740 ESPOSENDE
TEL. 053-96 14 73/4 — TELEX 32857
(nova Gerência pelos proprietários)

Um hotel de 1.ª classe. Cem quartos. Bares. Restaurantes com especialidades minhotas. Terraços. Jardins. Relvados. Piscinas. Ténis.

ESPOSENDE

NOTÍCIAS VÁRIAS

O Rotary Clube de Esposende promoveu no passado dia 20 de Outubro uma sessão de esclarecimento sobre a nova legislação do trabalho, tema exposto e desenvolvido pelo esposendense, natural de Forjães, Dr. Coutinho de Almeida, professor na Faculdade de Direito de Coimbra.

Embora os objectivos dos organizadores tenha ficado muito aquém do esperado, pela falta de participação das empresas ou seus representantes, damos os parabéns ao Rotary Clube pela iniciativa que se saúda.

— E esta, hein!

A Câmara Municipal de Esposende, decidiu dar a mão à palmatória, tornando-se em parte responsável, pela água que o povo de Esposende foi obrigado a consumir, durante algumas semanas, ao isentar de pagamento a cobrança de Setembro último.

Obrigado, meus senhores, pela dádiva de V. Ex.as, oferta que não rejeitamos mas que contestamos, porque de manobras eleitorais, hipocrisia e demagogia, estamos cansados.

A informação a que o povo tinha direito sobre o perigo para a saúde pública que o consumo daquela água poderia causar não foi dada por quem de direito, vindo mais tarde tentar iludir as pessoas com cartas abertas ou comunicados que não justificam o silêncio perante o sucedido.

A saúde pública foi posta em perigo e a Câmara remediou os males causados com meia dúzia de tostões.

— A A. D. de Esposende, continua a fazer boa figura no Nacional da 3.ª divisão. Ao fim de 7 jornadas soma 11 pontos, repartindo o 1.º lugar com mais 3 parcelos.

— No distrital de juniores também a equipa de Esposende, tem feito o seu melhor, não deixando os seus créditos por mãos alheias. Os resultados assim o demonstram: 4 jogos, 4 vitórias, 21 golos marcados e 1 sofrido.

JMRV

MAR PORTUGUÊS

*Fui à praia portuguesa
Para ouvir a voz do mar,
E fiquei com a certeza
Que fundo mistério encerra,
Que tem a voz de cantar
E a triste voz de chorar.*

*— Ó praia da minha terra,
Ó mar da nossa paixão,
Ó marinheiro de agora,
Ó marinheiros de então,
Ó mulheres que a toda a hora
Tendes lá o coração.*

*Só quem não é lusitano,
Só quem não gosta do mar,
É que não sente o pulsar
Do coração do Oceano.*

*Pois quem nasceu português
Há-de lembrar muita vez,
Que esta Pátria sempre amou
O mar com quem se casou...*

*Um eterno casamento
De alegria e sofrimento.*

DINIS DE VILARELHO

ÁFRICA ADEUS

Por JOSÉ RAMOS DA SILVA

A vida retorna o seu ritmo normal, os criados abrem as portas à criação para lhes dar de comer — eram mais de duas centenas de cabras, centenas de galinhas, patas, perus, etc. Um alarido de cacarejar de galinhas misturado com os costumados *mées* das cabras, tudo isto dava ao Bom Destino um aspecto eufórico da vida.

A Roça Bom Destino, além das suas plantações de café também possuía bastante palmar. A maior parte das ruas através do cafetal eram ladeadas por frondosas palmeiras «dendem» que davam uma produção de cerca de duzentos litros de azeite por dia.

Para a fabricação do azeite eram necessários seis trabalhadores que se ocupavam diariamente na pequena fábrica, para desmantelar os canhos de dendem, fazer a sua cozedura, prensar, refinar, etc. Na Roça Bom

(Continua na pág. 11)

«O NOVO FANGUEIRO»
FÃO

APÚLIA NOS STATS

O cabo-de-mar (reformado) Antero Coutinho, a residir na Póvoa de Varzim (Almirante Reis) foi aos EUA visitar familiares. E qual não foi o seu espanto ao encontrar na cidade de Providence uma rua com o nome de Apúlia!... Uma outra artéria que lhe fica perpendicular é nem mais nem menos que a Rua do Homem do Mar (Waterman).



Na foto acima pode ver-se o nome de Apúlia

Antero Coutinho, ao saber que existe um jornal que serve a Apúlia também apressou-se, por intermédio do nosso bom amigo José de Azevedo, a fazer-nos chegar a notícia.

Ela deixa pressupor que naquela cidade americana existiu já uma colónia preponderante oriunda de Apúlia.

DIA DOS MORTOS

Mais uma vez o nosso cemitério se encheu de velas e flores para a comemoração do dia dos fiéis defuntos.

Como é usual, muitos fangueiros de longe vieram a Fão fazer uma visita aos seus familiares desaparecidos.

Realizou-se a costumada procissão tendo sido celebrada missa em frente à capela do cemitério.